

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

## BREVE HISTÓRIA DA ESCOLA DE ANTIOQUIA E SUA INFLUÊNCIA NA HERMENÊUTICA DA REFORMA PROTESTANTE<sup>1</sup>

Brief history of the school of Antioch and its influence on the hermeneutics of the Protestant Reformation

Márcio Vinícius Bastos<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem como finalidade apresentar uma breve história da escola de interpretação que surgiu em Antioquia da Síria por volta do terceiro século e a sua grande influência na hermenêutica da reforma protestante. O artigo traz algumas informações sobre a cidade de Antioquia e a origem da escola de interpretação. Aborda de forma resumida algumas divergências de interpretação entre a escola de Antioquia e a escola de Alexandria. Apresenta os principais proponentes da escola e o que pensavam sobre a interpretação da Bíblia. No final do artigo são apresentados alguns princípios de interpretação que distinguem a escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da Reforma Protestante.

**Palavras-chave:** Escola de Antioquia. Escola de Alexandria. Hermenêutica. Alegoria. Histórico Literal.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to present a brief history of the school of interpretation that arose Antioch of Syria around the third century and its great influence on the

<sup>1</sup> O artigo foi elaborado em cumprimento ao requisito exigido pela disciplina de Interpretação de Textos Bíblicos do Mestrado Profissional em Teologia da FTBP.

<sup>2</sup> O autor é mestrando em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, Pós-graduado em Teologia Latino-Americana pela Faculdade Kurios e Bacharel em Teologia pela Faculdade Kurios (revalidação do curso livre de Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri e Licenciatura em Teologia com ênfase Pastoral pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida). Professor e Deão de alunos solteiros do Seminário Batista do Cariri e professor da Faculdade Batista do Cariri. E-mail: [pr.marcioeju@hotmail.com](mailto:pr.marcioeju@hotmail.com)

hermeneutics of the Protestant Reformation. The article gives information about the city of Antioch and the origin of the school of interpretation. It goes on to describe briefly some of the differences in interpretation between the school of Antioch and that of Alexandria. The article also presents the main proponents of the school of Antioch and their thoughts on the interpretation of the Bible. The conclusion of the article presents some principles of interpretation that distinguish the school of Antioch and its influence on the hermeneutics of the Protestant Reformation.

**Keywords:** School of Antioch. School of Alexandria. Hermeneutics. Allegory. Literal History.

## INTRODUÇÃO

A interpretação bíblica foi marcada por duas escolas: uma conhecida como escola de Alexandria e a outra, que surgiu mais tarde, como escola de Antioquia. Muitos dos princípios hermenêuticos desenvolvidos pelos teólogos e intérpretes destas escolas influenciaram de forma contundente a interpretação da Bíblia e a formação das doutrinas da igreja em toda sua história.

A escola de Antioquia surgiu em oposição aos métodos de interpretação da escola de Alexandria. Essa oposição obteve grande influência no início, mas posteriormente se enfraqueceu. No decorrer da história até a Reforma Protestante, o método mais utilizado era a alegoria alexandrina, que se tornou influente e o principal método de interpretação da Idade Média. Posteriormente, os Reformadores também se opuseram aos métodos alegóricos, que eram bem difundidos, e com isso trouxeram uma nova perspectiva e um retorno para as Escrituras, resgatando para isso as bases interpretativas do método da escola de Antioquia. Que método foi este que surgiu em oposição a um sistema bem implantado, como o da alegoria alexandrina, e que posteriormente foi buscado pelos teólogos reformadores?

Este artigo tem por objetivo abordar de forma histórica onde e quando surgiu a escola de interpretação de Antioquia, suas principais divergências com a escola de Alexandria, seus principais proponentes, os princípios que usavam para interpretar a Bíblia e qual a influência deste método na interpretação dos teólogos da reforma protestante.

A pesquisa foi realizada de forma concisa com base em bibliografias que já abordaram o assunto, porém relevante para uma compreensão clara da escola de interpretação de Antioquia e sua influência na Hermenêutica da Reforma Protestante.

### 1. A CIDADE DE ANTIOQUIA O BERÇO DA ESCOLA DE INTERPRETAÇÃO

Antioquia situava-se na província da Síria e era sua capital. Naquele período foi reconhecida como a terceira maior cidade do Império Romano e só perdia em importância para Roma e Alexandria no Egito. Sua proeminência na região era devida à sua localização, que se encontrava no entroncamento entre as estradas da Ásia Menor e as do Oriente e ficava a apenas sete quilômetros do mar Mediterrâneo. Por ser uma cidade cosmopolita, encontravam-se ali muitas religiões e tradições filosóficas.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> FLUCK, Marlon Ronald. **Teologia dos pais da igreja**. Curitiba: Cia. de Escritores, 2012. p. 68.

Tirando Jerusalém, nenhuma outra cidade tinha tanta ligação com o início do Cristianismo como Antioquia. Um exemplo é que, depois de haver muitas conversões na cidade, a igreja de Jerusalém enviou Barnabé para lá, o qual levou Saulo consigo.<sup>4</sup> Além disso, foi nesta cidade que ocorreram diversos sínodos e concílios. E, em 325 A.D., o Concílio de Niceia a proclamou sede do patriarcado do Oriente, o terceiro, depois de Roma e de Alexandria. Nela encontramos figuras como Inácio, Teófilo e outros.<sup>5</sup>

Em Antioquia surgiu uma escola de interpretação que rejeitava o método alegórico desenvolvido pelos alexandrinos. Essa escola apareceu como uma proposta alternativa ao método desenvolvido na cidade egípcia. Eles rejeitavam a alegorese alexandrina e enfatizavam o sentido histórico e literal das Escrituras.<sup>6</sup>

## 2. ORIGEM E FUNDADOR DA ESCOLA DE INTERPRETAÇÃO DE ANTIOQUIA

A escola de Antioquia teve como fundador Luciano de Samosata (240-312 AD). Este teólogo cristão, por volta do III e início do IV séculos, na cidade de Antioquia da Síria, deu origem a uma escola de interpretação bíblica que ficou conhecida pela erudição e conhecimento das línguas originais. A escola surgiu em oposição ao método alegórico da escola de Alexandria, que já existia desde 150 A.D.<sup>7</sup>

Uma informação interessante sobre a contribuição deste teólogo, embora alguns não concordam, é que foram atribuídos a Samosata estudos comparativos de manuscritos do Novo Testamento, o que é conhecido por *recensão*, e ainda a uniformização dos textos gregos de sua época. Este trabalho deu origem ao texto Bizantino ou Sírio.<sup>8</sup> Este texto tem sido utilizado pela igreja por muitos anos. Devido a ser um cristão de muitas convicções, Samosata sofreu torturas e fome e, por se negar a comer carne sacrificada aos deuses romanos, morreu martirizado.

A escola de Antioquia ficou conhecida por sua abordagem histórica e literal na interpretação das Escrituras. Seus líderes incentivavam o estudo das línguas bíblicas originais (hebraico e grego)<sup>9</sup> e foram autores produtivos que escreveram vários comentários sobre as Escrituras. Para eles, o que ligava o Antigo e o Novo Testamento eram a tipologia e as profecias, em lugar da alegorização alexandrina. Ao interpretar literalmente, eles não excluía a linguagem figurada.<sup>10</sup> Isso não significa que eles rejeitavam completamente a alegoria, conforme atesta Roger Olson:

Naturalmente, os teólogos e estudiosos bíblicos da Antioquia também reconheciam na alegoria uma maneira legítima de comunicar a verdade, mas

<sup>4</sup> DOUGLAS, J. D. (Org.) **O novo dicionário da Bíblia**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 85.

<sup>5</sup> FLUCK, 2012, p. 68.

<sup>6</sup> FLUCK, 2012, p. 68.

<sup>7</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 134

<sup>8</sup> Uma base para a aceitação que Luciano encabeçou a revisão crítica que deu origem ao texto Bizantino em Antioquia, pode ser vista em um artigo escrito por Paulo José Benício. BENÍCIO, Paulo José. O Texto Bizantino na Tradição Manuscrita do Novo Testamento Grego. **Fides Reformata**, Vol. 8, Nº 2, 2003, p. 39-54. (p. 50).

<sup>9</sup> ZUCK, Roy. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 43

<sup>10</sup> ZUCK, 1994, p. 43.

procuraram não buscar significados espirituais, alegando que as histórias bíblicas não eram alegorias, a não ser quando havia um bom motivo para sê-lo.<sup>11</sup>

### 3. ALGUMAS DIFERENÇAS TEOLÓGICAS ENTRE ANTIOQUIA E ALEXANDRIA

Nas discussões teológicas que surgiram no século III e IV em torno dos dogmas cristológicos, trinitário e outros, o debate ficou marcado entre as opiniões divergentes das escolas de Alexandria e de Antioquia.<sup>12</sup> Os pensamentos distintos surgiram dos princípios que usaram para interpretar a Bíblia. Neste caso, a escola de Alexandria, usando o método alegórico e a escola de Antioquia usando uma interpretação histórica e literal.

Um exemplo desta discussão foi elaborada de forma apropriada em um quadro pelo Professor Marlon Ronald Fluck, em seu livro “Teologia dos Pais da Igreja”. Este quadro ajuda a ver com clareza as opiniões divergentes entre as duas escolas. Para melhor entendimento, o esquema será transcrito.<sup>13</sup>

ESCOLA TEOLÓGICA DE ALEXANDRIA	ESCOLA TEOLÓGICA DE ANTIOQUIA
Apolinário de Laodiceia definiu a posição cristológica declarando: Cristo é uma substância (homouosios) com o Pai.	Deodoro de Tarso definiu-a: “só o que é assumido pelo Logos pode ser redimido por ele”.
Ênfase na plena divindade.	Ênfase na plena humanidade (a partir do critério soteriológico).
O Logos assume natureza humana incompleta.	O Logos assume natureza humana completa.
Por quê? “se o Logos em pessoa domina, conduz e rege diretamente a natureza humana, Jesus Cristo fica livre da debilidade pecaminosa da natureza humana.”	Portanto, “A distinção entre as duas naturezas deve ser sustentada incondicionalmente, e a unidade da pessoa mantida perpetuamente.” (Teodódo de Mopsuéstia).
PRESSUPOSTO ANTROPOLÓGICO: Platão: corpo é animado por uma alma. Consequência: Jesus não tem alma humana.	PRESSUPOSTO ANTROPOLÓGICO: Aristóteles: corpo / alma forma unidade inseparável.
Logos ativo / carne passiva. Logos somente assumiu o corpo humano.	Logos assume o ser humano pleno. Mantém a integridade das duas naturezas.
Glorificação da carne: “Deus em Cristo foi transmutado em carne, e esta carne foi então transmutada pela natureza divina.”.	Cada uma das naturezas em Cristo é conservada intacta. Não há integração de uma natureza na outra. Elas se distinguem.
Ênfase na realidade metafísica, divina. Antítese entre divino e humano. O divino ocupa uma parte maior que o humano na cristologia.	O aspecto histórico (humanidade) era ressaltado, rejeitando-se alegorias e enfatizando-se a existência terrena, seu desenvolvimento e historicidade.
Cirilo: Maria é Theotokos (=mãe de Deus). Em Maria, o divino entrou na carne mortal, tornando o mortal divino.	Nestório: Anthroptótokos (mãe do humano) tem de complementar. Propõe-se Christotókos.
Se não aceitam isto, quando se realiza a Ceia, o corpo do mero homem está no altar. Estão dividindo Cristo.	O elemento divino em Cristo não se encontra em sua natureza humana. Maria pariu o homem, mas não o Logos.
CRISTOLOGIA DA PALAVRA-CARNE	CRISTOLOGIA DA PALAVRA-HOMEM

Esquemas das escolas: Marlon Ronald Fluck

<sup>11</sup> OLSON, Roger. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Vida, 2001. p. 207.

<sup>12</sup> FLUCK, 2012, p. 68.

<sup>13</sup> FLUCK, 2012, p. 71.

## 4. PRINCIPAIS PROPONENTES DA ESCOLA DE ANTIOQUIA

Para um entendimento das ideias da escola de Antioquia, é importante verificar seus principais defensores e o que pensavam a respeito da interpretação das Escrituras. Embora houvesse outros nomes, nesta pesquisa serão abordados os mais proeminentes.

### 4.1 Deodoro de Tarso (350- 392)

Deodoro foi um respeitado mestre e um dos primeiros líderes da escola antioquiana de interpretação. Ele tornou-se bispo de Tarso a partir do ano de 378.<sup>14</sup> Ele escreveu um tratado cujo título era: “qual é a diferença entre contemplação e alegoria”? Segundo o escritor Christopher A. Hall, Deodoro havia desconfiado da alegoria porque ela parecia impor ao texto bíblico um sentido estranho.<sup>15</sup> Ao invés de uma abordagem alegórica, Deodoro defendeu o conceito de “teoria”, também chamada de “contemplação”, que era um método interpretativo e identificava o sentido espiritual de um texto, mas que estava ligado, inerente à sua estrutura histórica.<sup>16</sup> Roy Zuck escreve que Deodoro empregou a palavra teoria em referência ao sentido autêntico do texto, que tanto contém metáforas quanto afirmações explícitas.<sup>17</sup> Sobre o método hermenêutico de Deodoro de Tarso e sua produção teológica, o historiador Justo Gonzáles faz a seguinte observação:

Deodoro rejeitava o alegorismo alexandrino e preferia um método exegético em que o sentido literal da Bíblia levava a ensinamentos morais e espirituais. Sobre esta base, Deodoro produziu comentários de boa parte da Bíblia, que infelizmente não foram conservados. Também escreveu sobre temas teológicos uma boa quantidade de obras, todas perdidas.<sup>18</sup>

Deodoro foi o mestre de outros dois pais da escola de Antioquia que se tornaram grandes proponentes da mesma: Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo.<sup>19</sup>

### 4.2 Teodoro de Mopsuéstia (350 - 428)

Teodoro de Mopsuéstia nasceu em uma família rica, o que lhe permitiu receber uma excelente formação. Ele estudou por 10 anos com Deodoro de Tarso, foi ordenado presbítero em Antioquia, em 383, e tornou-se bispo de Mopsuéstia, na Cíclia, em torno de 392.<sup>20</sup>

Teodoro de Mopsuéstia tornou-se notável exegeta antioquiano e fez fortes objeções às falhas da escola de Alexandria e sua interpretação alegórica. Ele também defendia os princípios da teoria em oposição à alegoria. Reconhecia tanto o sentido histórico dos textos

<sup>14</sup> GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé**: vinte séculos de pensamento cristão. São Paulo: Academia Cristã, 2005. p. 219.

<sup>15</sup> HALL, Christopher A. **Lendo as Escrituras com os pais da igreja**. Viçosa: Ultimato, 2000. p. 149.

<sup>16</sup> HALL, 2000, p. 149.

<sup>17</sup> ZUCK, 1994, p. 43.

<sup>18</sup> GONZÁLEZ, 2005, p. 219.

<sup>19</sup> ZUCK, 1994, p. 43.

<sup>20</sup> McGRATH, Alister. **Teologia histórica**: uma introdução à história do pensamento cristão. São Paulo: Presbiteriana, 2007. p. 71.

proféticos do AT, como a significação tipológica de alguns deles.<sup>21</sup> Alguns consideram Teodoro de Mopsuéstia o maior intérprete da Escola de Antioquia. Em um de seus livros, intitulado “Da Alegoria e História Contra Orígenes”, ele pergunta: “Se Adão não era de fato Adão, como a morte foi introduzida na raça humana?” Ele é conhecido como o príncipe da exegese primitiva e ao comparar trabalhos exegéticos que ele fez sobre algumas epístolas paulinas, afirmou-se ter semelhanças com comentários modernos.<sup>22</sup> Escrevendo sobre este grande exegeta, o historiador Earle E. Cairns diz que:

Teodoro foi chamado apropriadamente de o “príncipe dos exegetas antigos”. Ele se opôs ao sistema alegórico de interpretação e propôs uma compreensão que levasse em conta a gramática e a formação histórica do texto, a fim de descobrir o sentido que o autor quis dar. Deu atenção especial ao contexto imediato e remoto do texto. Esse método fez dele um comentarista e teólogo dos mais competentes.<sup>23</sup>

#### 4.3 João Crisóstomo (c. 345 - 407)

João Crisóstomo nasceu em uma família ilustre e rica da aristocracia de Antioquia, por volta de 345 A.D. Seu pai foi o general Secundo,<sup>24</sup> que faleceu muito cedo. Sua mãe, Antusa, lembra a mãe de Agostinho, a qual mesmo enviuvando aos 20 anos, recusou-se a casar novamente para dedicar-se integralmente à educação do filho.<sup>25</sup> Crisóstomo recebeu educação nos clássicos gregos, estudou retórica, filosofia e direito. Por volta do ano 385, ele foi ordenado padre em Antioquia<sup>26</sup> e posteriormente tornou-se bispo de Constantinopla, no ano de 398.

Esse grande teólogo e pastor escreveu mais de 600 homilias, que consistiam em discursos expositivos com aplicações práticas. As obras de João Crisóstomo incluem cerca de 7000 citações do Antigo Testamento e por volta de 11000 citações do Novo Testamento. Devido a ser um autor produtivo, alguns o consideram o maior comentarista entre os primeiros pais da igreja.<sup>27</sup> Como um teólogo da escola de Antioquia, buscou o sentido literal do texto dado pelo autor. Cairns, escrevendo sobre ele, diz:

A maioria de suas homilias ou sermões se constitui em exposição das Epístolas de Paulo. Por não conhecer o Hebraico, não fez uma investigação crítica dos textos do Antigo Testamento, mas destacou a importância do contexto e procurou descobrir o sentido literal dado pelo autor e fazer uma aplicação prática desse sentido aos problemas das pessoas de sua época.<sup>28</sup>

<sup>21</sup> HALL, 2000, p. 158.

<sup>22</sup> ZUCK, 1994, p. 43.

<sup>23</sup> CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja Cristã. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 121.

<sup>24</sup> WAND, J. W. **História da igreja primitiva**: até o ano 500. São Paulo: Custom, 2004. p. 238.

<sup>25</sup> CAIRNS, 2008, p. 120.

<sup>26</sup> Antes de ser padre, João Crisóstomo atuou como advogado em Antioquia, depois se tornou um asceta e por algum tempo viveu uma vida monástica. WAND, 2004, p. 238.

<sup>27</sup> ZUCK, 1994, p. 43.

<sup>28</sup> CAIRNS, 2008, p. 121.

O nome Crisóstomo foi um apelido que lhe deram depois de sua morte, devido à sua eloquência, e significa literalmente “boca-de-ouro<sup>29</sup>”. Ele foi exilado em 404 pela Imperatriz Eudóxia, devido ao fato de denunciá-la por usar roupas extravagantes e por colocar uma estátua de prata de si mesma próxima a Santa Sofia, onde ele pregava. João Crisóstomo, o grande pregador, era um homem piedoso e dedicado ao pastorado. Ele morreu no exílio em 407.<sup>30</sup>

## 5. PRINCIPAIS ÊNFASES INTERPRETATIVAS DA ESCOLA DE ANTIOQUIA

É interessante observar quais princípios de interpretação eram enfatizados pelos teólogos da escola de Antioquia. Alguns desses princípios eram:

1. Atenção ao sentido literal do texto. Pode-se ver uma abordagem histórico-gramatical, embora este termo só surgiu depois da Reforma, por sua busca da intenção do autor e por estudar o sentido óbvio das palavras. Um texto deve ser interpretado segundo as regras da gramática e os fatos da história.<sup>31</sup>
2. Formulação do conceito de Theoria. Segundo Augustus Nicodemus, este termo designava o estado mental dos profetas quando recebiam as visões, o que era diferente da alegoria. Pode ser chamado de intuição ou visão, pela qual o profeta via o futuro através das circunstâncias presentes. Desta forma, podia tanto descrever em seus escritos o significado contemporâneo dos eventos bem como seu cumprimento futuro.<sup>32</sup>
3. Crença na historicidade dos relatos. Eles reconheciam o caráter metafórico de algumas passagens, como de profecias do Antigo Testamento, e afirmavam a historicidade das narrativas vetero-testamentárias e sempre procuravam o sentido teológico da passagem.
4. Tinham a preocupação em determinar a intenção do autor, dando uma atenção especial ao sentido histórico das palavras em seu contexto original.
5. Evitavam a exegese dogmática. Eles asseveravam que uma interpretação deve ser embasada e justificada por um estudo de seu contexto gramático e histórico, e não por um apelo à autoridade.<sup>33</sup>
6. Eram contrários às alegorizações para encontrar Cristo em todas as passagens do Antigo Testamento, como faziam os alegoristas, embora defendessem a tipologia.<sup>34</sup>
7. Incentivo ao estudo das línguas originais.<sup>35</sup>

---

<sup>29</sup> João Crisóstomo também recebeu o título de Doutor da Igreja, em 1568, pelo papa Pio V. Para receber este reconhecimento, o candidato deveria preencher três critérios que são: Eminens doctrina (importância da doutrina), Insignis vitae sanctitas (Alto grau de santidade pessoal), Ecclesiae declaratio (declaração oficial da igreja). GONZALES, 2005, p. 229, 230.

<sup>30</sup> CAIRNS, 2008, p. 121.

<sup>31</sup> LOPES, 2013, p. 136.

<sup>32</sup> LOPES, 2013, p.136.

<sup>33</sup> VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos da interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2001. p. 46

<sup>34</sup> LOPES, 2013, p. 137.

<sup>35</sup> LOPES, 2013, p. 134.

## 6. INFLUÊNCIA DA ESCOLA DE ANTIOQUIA NA HERMENÊUTICA DA REFORMA

A escola de Antioquia foi muito significativa para o desenvolvimento da doutrina, e especialmente se destacou por sua abordagem rigorosamente científica no que se refere à interpretação das Escrituras.<sup>36</sup> Esta escola foi de suma importância para a hermenêutica evangélica moderna, pois seus princípios exegéticos foram a base da hermenêutica da Reforma. O professor e teólogo Augustos Nicodemos destaca com propriedade que:

A Reforma Protestante foi, em muitos sentidos, um movimento hermenêutico. Representa um momento crucial na história da interpretação cristã das Escrituras. O domínio de séculos de interpretação alegórica é finalmente quebrado. O retorno aos princípios de interpretação defendidos pela escola de Antioquia marca a pregação, o ensino e os princípios dos reformadores.<sup>37</sup>

Também se observa o que Paulo Anglada escreveu ao falar sobre o método de interpretação histórico-gramatical usado pelos reformadores:

Os reformadores não criaram este método de interpretação bíblica no nada. Eles se fundamentaram no próprio ensino bíblico sobre a sua natureza e na prática apostólica. As origens da interpretação reformada também são encontradas na escola de Antioquia da Síria, que pode ser considerada precursora do método gramático-histórico. Seus principais representantes... rejeitaram tanto o literalismo judeu, como o alegorismo de Alexandria; defendiam uma interpretação literal e histórica das Escrituras; criam na realidade histórica dos eventos descritos no Antigo Testamento; defendiam a unidade das Escrituras e admitiam o desenvolvimento ou progressividade da revelação.<sup>38</sup>

Verifica-se que logo no início os teólogos da reforma protestante fazem uso dos mesmos princípios que eram defendidos pelos intérpretes antioquianos. Um exemplo deste fato é que os reformadores, começando com Wycliffe (c.1330-1384), insistiam na abordagem histórico-gramatical da Bíblia.<sup>39</sup>

O reformador John Colet (c.1476-1519) foi um dos primeiros a romper com o método alegórico de interpretação. No ano de 1496, em Oxford, ele fez uma exposição das cartas de Paulo em seu sentido literal e dentro do seu contexto histórico, e posteriormente já afirmava o princípio de que as Escrituras só têm um único significado, o mais simples.<sup>40</sup>

Em 1518, o reformador Melancton proferiu um discurso em Wittenberg exortando seus ouvintes a recorrerem às Escrituras nas línguas originais, para encontrarem Cristo e se livrarem das discordâncias dos teólogos latinos. Paulo Anglada observou que este discurso impressionou tanto Martinho Lutero, que ele passou a assistir às aulas de grego de

<sup>36</sup> HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 1981. p. 77

<sup>37</sup> LOPES, 2013, p. 159.

<sup>38</sup> ANGLADA, Paulo R. B. Orare et Labutare: a hermenêutica reformada das Escrituras. **Fides Reformata**, Vol. 2, Nº 1, 1997, p. 11.

<sup>39</sup> ANGLADA, 1997, p. 13.

<sup>40</sup> ANGLADA, 1997, p. 12.

Melanchton, e dedicou-se com grande empenho ao estudo do grego. Melanchton é considerado um dos principais responsáveis pela ênfase reformada na exegese gramatical.<sup>41</sup>

O grande reformador Lutero rompeu com a abordagem alegórica, não literal, que predominou na sua formação.<sup>42</sup> Ele insistiu na exposição literal-histórica e filológica das Escrituras. Desta forma, rejeitou o método alegórico de exegese, que foi grandemente praticado desde Orígenes. Para que a Escritura voltasse a ter primazia na igreja, a interpretação teria que estar diretamente ligada ao sentido original na forma em que aparece nos textos hebraico e grego. Lutero ainda sustentava que cada passagem tem um único sentido autêntico, combatendo os alegoristas, que no mínimo encontravam quatro sentidos: o físico, o moral, o espiritual e o místico. Para Lutero, o Espírito Santo era o escritor e orador mais claro que existe no céu e na terra, e, por este motivo, suas palavras não poderiam ter mais de um sentido. Para ele, o mais simples era o sentido literal, ordinário e natural.<sup>43</sup>

Também se verifica em Lutero uma mesma preocupação com a exegese dogmática que havia na escola de Antioquia. Lutero demonstrou ser bastante crítico dos escritos dos pais da igreja. Para ele, a leitura dos pais da igreja deveria ser cautelosa, porque frequentemente eles tropeçavam e se desviavam com outros escritos e que, apesar da reputação e autoridade dos pais da igreja, eles diminuíram o valor dos livros e escritos dos santos apóstolos de Cristo.<sup>44</sup>

João Calvino (1509-1564) foi grande expositor das Escrituras, como também o sistematizador da teologia protestante. Ele foi um linguista habilidoso e interpretava as Escrituras levando em consideração sua veracidade histórica, sentido literal e análise contextual. Alguns lhe deram o título de “sistematizador da exegese histórico-gramatical moderna”.<sup>45</sup> Tanto Calvino como Lutero não só primavam pelo estudo sério do texto bíblico, mas também entendiam que deveriam interpretar as Escrituras sob a orientação do Espírito Santo. Destacando a piedade dos reformadores, Paulo Anglada observa:

Orare et labutare foram palavras empregadas por Calvino para resumir a sua concepção hermenêutica. Com estes termos ele expressou a necessidade de súplica pela ação iluminadora do Espírito Santo e do estudo diligente do texto e do contexto histórico, como requisitos indispensáveis à interpretação das Escrituras. Com o mesmo propósito, Lutero empregou uma figura: um barco com dois remos, o remo da oração e o remo do estudo. Com um só destes remos, navega-se em círculos, perde-se o rumo, e corre-se o risco de não chegar a lugar algum.<sup>46</sup>

Tratando do pensamento de Calvino sobre interpretação alegórica, Paulo Anglada fez a seguinte asseveração:

Quanto a Calvino, sua aversão à interpretação alegórica era de tal ordem que ele chegou a afirmar ser satânica, por desviar o homem da verdade das

<sup>41</sup> ANGLADA, 1997, p. 13.

<sup>42</sup> GRUDEM, Wayne; COLLINS, C. John; SCHEREINER, Thomas R. (Orgs). **Origem, confiabilidade e significado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 23,24.

<sup>43</sup> BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1987. Vol. 1, p. 86

<sup>44</sup> LOPES, 2013, p. 161.

<sup>45</sup> GRUDEM; COLLINS; SCHEREINER, 2013, p. 24.

<sup>46</sup> ANGLADA, 1997, p. 1.

Escrituras. “É uma audácia próxima do sacrilégio”, escreveu ele, “usar as Escrituras ao nosso bel-prazer e brincar com elas como com uma bola de tênis, como muitos antes de nós o fizeram”.<sup>47</sup>

Logo observa-se de forma apropriada, como escreveu Paulo Anglada, que a reforma teológica do século XVI foi o resultado de outra reforma, que ele chama de hermenêutico-exegética. Ou seja, todo o retorno às doutrinas bíblicas e práticas defendidas pelos reformadores foram precedidas por um rompimento com os princípios hermenêuticos medievais,<sup>48</sup> que contemplavam a alegoria, e um retorno por parte dos reformadores aos princípios interpretativos da escola de Antioquia.

Os teólogos reformadores entenderam a necessidade de voltar a interpretar as Escrituras de forma literal, observando a gramática do texto e o seu contexto histórico. A partir deste retorno aos princípios hermenêuticos da escola de Antioquia, e outras observações, eles desenvolveram alguns princípios de interpretação, que são:

1. A Escritura é a única regra infalível de interpretação. A Reforma Protestante rejeitou categoricamente a hermenêutica alegórica medieval. Para eles, a regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura. Quando houver dúvida ou questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura, esse texto deve ser compreendido a luz de outros textos que são mais claros.<sup>49</sup>
2. Repúdio à interpretação alegórica medieval. Ao invés da alegoria alexandrina e medieval, os reformadores ensinavam que cada passagem das Escrituras tem um só sentido. Este sentido é o literal, a não ser que o próprio texto ou outro texto da Bíblia mostrem claramente uma interpretação figurada ou metafórica.<sup>50</sup>
3. Necessidade de iluminação do Espírito Santo. Os teólogos reformadores reconheceram a natureza divino-humano das Escrituras e enfatizaram a ação do Espírito Santo no processo de interpretação. Tanto Lutero como Calvino acreditavam que uma pessoa só poderia interpretar corretamente as Escrituras se tivesse sob a iluminação do Espírito Santo.<sup>51</sup>
4. Ênfase no sentido literal, gramático-histórico do texto. Neste caso, defendiam a interpretação literal das Escrituras com ênfase na compreensão cuidadosa da gramática e do contexto histórico do texto para o entendimento correto de sua mensagem.<sup>52</sup> Desejavam chegar ao sentido obvio, claro e simples de cada texto.<sup>53</sup>
5. Intenção do autor humano. Em oposição ao conceito da alegorese usado na Idade Média, que um texto das Escrituras tinha até quatro sentidos, os reformadores afirmavam haver somente um sentido em cada texto bíblico, que era o pretendido pelo autor humano. Neste caso, como afirma Augusto Nicodemus, acreditavam que por ser o autor humano inspirado por Deus, havia a consciência de intenção.<sup>54</sup>
6. Desenvolvimento do método Gramático Histórico. Os princípios hermenêuticos desenvolvidos e praticados pelos reformadores como Lutero e Calvino, também

---

<sup>47</sup> ANGLADA, 1997, p. 11.

<sup>48</sup> ANGLADA, 1997, p. 12.

<sup>49</sup> ANGLADA, 1997, p. 12.

<sup>50</sup> ANGLADA, 1997, p. 12.

<sup>51</sup> ANGLADA, 1997, p. 12.

<sup>52</sup> ANGLADA, 1997, p. 13.

<sup>53</sup> LOPES, 2013, p. 161

<sup>54</sup> LOPES, 2013, p. 161.

influenciaram outros reformadores como os alemães, suíços, franceses e ingleses. Desde então o protestantismo ortodoxo tem lapidado e adotado estes princípios, que vieram a ser conhecidos pelo nome de Método Gramático-Histórico de Interpretação Bíblica.<sup>55</sup> Sobre o uso e influência deste método de interpretação, Paulo Anglada assevera que:

Foi este método empregado pelos puritanos no séc. XVII; pelos líderes evangélicos do século XVIII na Europa e América do Norte (tais como George Whitefield e Jonathan Edwards); pelo anglicano J. C. Ryle, pelo batista Chaeles Spurgeon na Inglaterra e pelos presbiterianos Charles e Alexandre Hodge no Seminário de Princeton nos EUA, no século passado; e pelos interpretes e pregadores protestantes (luteranos, anglicanos, presbiterianos e batistas) ortodoxos deste século.<sup>56</sup>

Logo percebe-se a influência da escola de Antioquia na hermenêutica no período inicial da reforma, mas também nos teólogos que continuaram a defender a hermenêutica e teologia reformada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola de interpretação de Antioquia trouxe grande contribuição ao cristianismo bíblico quando rompeu com a alegoria alexandrina. A interpretação literal, que valoriza a gramática e o contexto histórico trouxe grandes benefícios para obter o significado verdadeiro do texto. Não só no que se refere aos princípios técnicos desta escola, mas também seu entendimento do autor divino das Escrituras e a ênfase na dependência do Espírito Santo. João Crisóstomo é um exemplo dessa verdade. Um estudioso dedicado e preocupado com o verdadeiro sentido do texto bíblico, mas compromissado com uma vida de santidade.

Infelizmente a influência da escola de Antioquia diminuiu consideravelmente num período posterior a sua época devido um discípulo de Teodoro, cujo nome era Nestório, que se envolveu em uma grande heresia concernente à pessoa de Cristo, e por conta de sua associação com a escola afetou negativamente esta linha de pensamento e suas atividades.<sup>57</sup>

Mas os princípios de interpretação desta escola foram resgatados pelos teólogos da reforma trazendo grandes benefícios para o cristianismo ortodoxo. Ao voltarem para os princípios do entendimento literal e gramático-histórico e a intenção do autor, os reformadores puderam de fato voltar a um cristianismo bíblico que havia se perdido através de desvios absurdos ao longo da idade média como consequência do método alegórico de interpretação.

Como foi observado, o método de interpretação da escola de Antioquia influenciou diretamente os princípios de interpretação da Reforma Protestante e todo o alcance que este movimento atingiu. Na época atual, pode-se interpretar as Escrituras sabendo que Deus fala através de uma mensagem, e que esta mensagem vem dEle para o crente, e não como fruto da imaginação do interprete ou do senso comum.

---

<sup>55</sup> ANGLADA, 1997, p. 13.

<sup>56</sup> ANGLADA, 1997, p. 13.

<sup>57</sup> VIRKLER, 2001, p. 46.

Sabe-se também que muitos têm desviado destes princípios e, vez por outra, retornam a uma alegorização das Escrituras, abrindo mão do estudo exegético sério da Bíblia, e por isto contribuem para o afastamento do verdadeiro significado da mensagem de Deus. Esta frouxidão, por parte de alguns, acarreta graves consequências para a ortodoxia bíblica. Por conta disso, faz-se necessário sempre avaliar os métodos de interpretação dos textos bíblicos, e se preciso for, voltar aos princípios antioquianos e reformados de interpretação da Bíblia. E que, nesta tarefa de interpretar o texto sagrado, nunca esquecer de fazer como Calvino: “Orare et labutare”, para que Deus seja glorificado!

## REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo R. B. Orare et Labutare: a hermenêutica reformada das Escrituras. **Fides Reformata**, Vol. 2, Nº 1, 1997, 17 p.

BENÍCIO, Paulo José. **O texto Bizantino na tradição manuscrita do Novo Testamento Grego**. **Fides Reformata**, Vol. 8, Nº 2, 2003, p. 39-54.

BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1987. Vol. 1, 551 p.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 671 p.

DOUGLAS, J. D. (Org.) **O novo dicionário da Bíblia**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680 p.

FLUCK, Marlon Ronald. **Teologia dos pais da igreja**. Curitiba: Cia. de Escritores, 2012. 123 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé: vinte séculos de pensamento cristão**. São Paulo: Academia Cristã, 2005. 701 p.

GRUDEM, Wayne; COLLINS, C. John; SCHEREINER, Thomas R. (Orgs). **Origem, confiabilidade e significado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2013. 204 p.

HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 1981. 370 p.

HALL, Christopher A. **Lendo as Escrituras com os pais da igreja**. Viçosa: Ultimato, 2000. 208 p.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. 287 p.

McGRATH, Alister. **Teologia histórica: uma introdução à história do pensamento cristão**. São Paulo: Presbiteriana, 2007. 383 p.

OLSON, Roger. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Vida, 2001. 667 p.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida, 2001. 197 p.

WAND, J. W. **História da igreja primitiva**: até o ano 500. São Paulo: Custom, 2004. 328 p.

ZUCK, Roy. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.